

Um início de ano turbulento



Ricardo Cabral

Trump e os seus conselheiros esqueceram-se que quem semeia ventos colhe tempestades

A primeira semana do ano e da década começou de forma estrondosa: a terceira vaga da covid-19 espalha-se em força, atingindo-se novos recordes no número de novas infeções e obrigando, na Europa, diversos países – Reino Unido, Alemanha, e agora Portugal –, a implementar novos regimes de confinamento obrigatório geral, relegando para segundo plano a grande esperança trazida pelo início da vacinação; as bolsas e as criptomoedas continuaram a sua trajetória parabólica, com novos recordes; a semana ficou, porém, marcada para a História pela recusa de Trump em reconhecer que Biden ganhou a eleição presidencial, alegando fraude eleitoral, organizando e participando no comício inflamado “Salvar a América” a 6 de Janeiro em Washington, onde claramente incentivava os seus apoiantes a não aceitar os resultados eleitorais e a caminhar até ao Capitólio para se oporem à certificação dos mesmos na sessão conjunta do Congresso presidida pelo seu próprio vice-presidente; apelo que culminou na “tomada” do Capitólio pelos apoiantes de Trump da qual resultaram cinco mortes, numerosos feridos e detenções e registos embaraçosos para os EUA. Manifestações de teor similar, por vezes com manifestantes armados, ocorreram em várias cidades e capitólios estaduais.

Alguns observadores compararam os protestos ao início de uma revolução colorida. Muitos outros defendem que foi um acto de sedição política por parte de um Presidente em funções dos EUA, Presidente que jurou defender a Constituição do seu país. O Governo chinês comparou explicitamente os protestos dos apoiantes de Trump aos protestos estudantis de Hong Kong, pondo-se do lado ao Presidente eleito, Biden. Mas também dirigentes de países aliados dos EUA, como a Alemanha, a França e a Inglaterra, criticaram a invasão do Capitólio e Trump.

A parte crítica do discurso de cerca de 1 hora e 14 minutos de Trump ocorre quase no fim (1h12min) quando diz: “Nós vamos caminhar pela Avenida Pensilvânia [...], e vamos ao Capitólio e vamos tentar dar [...] aos nossos republicanos [...] o tipo de orgulho e ousadia de que eles precisam para tomar de novo conta do nosso país” (tradução do autor, no original, “take back our country”). Um apelo inflamado, já de há muitos anos, impreciso e sem sentido, que insta os



americanos – que acreditam que o controlo do poder dos EUA passou para a mão de americanos que não são verdadeiros patriotas – a tomarem as rédeas do poder para salvar o país.

Por conseguinte, embora com linguagem pouco precisa, Trump pressionava, através do apoio dos manifestantes, o vice-presidente e membros republicanos do Congresso e do Senado a oporem-se à certificação legal dos votos do colégio eleitoral de alguns estados.

Trump e os seus conselheiros esqueceram-se que quem semeia ventos colhe tempestades. Ao Presidente dos EUA incumbia assegurar uma transição de poder ordeira. Ao inflamar os seus apoiantes e ao incentivá-los ao protesto, poderia levá-los a actos de sedição, como os que de facto vieram a ocorrer.

Trump revelou, no mínimo, irresponsabilidade e imprudência ao pôr em causa a estabilidade democrática no seu país. Também demonstrou que de forma alguma possuía a sensatez e julgamento necessários para um segundo mandato como Presidente dos EUA. Agora é importante que os



O mundo ocidental será diferente a partir daqui, mas seria importante que continuasse a ser, sobretudo, um mundo de leis, de liberdades, de direitos e também de obrigações radicalmente melhores que os cenários assustadores visionados por Orwell

democratas tenham a clarividência para não o transformar em vítima.

O fim das revoluções coloridas?

David Bowie, que celebraria o seu septuagésimo quarto aniversário no dia 8 de Janeiro, disse numa entrevista à BBC em 1999 que a Internet iria mudar o mundo de forma inimaginável. David Bowie era muito erudito e visionário. Tinha razão.

Em particular, na esfera política e social, as redes sociais potenciaram as revoluções coloridas a que se assistiu um pouco por todo o mundo nas últimas décadas.

A tomada do Capitólio representa, por conseguinte, o fim de um ciclo. Se antes assistíamos com estupefacção e insatisfação à introdução de restrições (ao acesso) às redes sociais por Estados repressivos ou ditaduras, após a tomada do Capitólio, essas limitações vão-se generalizar às democracias ocidentais num cenário parcialmente antecipado por George Orwell, entre outros, no seu *opus* 1984.

Trump, com mais de 88 milhões de seguidores, e vários apoiantes próximos como o general Flynn e a, em tempos, sua advogada Sidney Powell, foram banidos da plataforma Twitter. A plataforma conservadora Parler foi suspensa das plataformas da Google, da Apple e da Amazon, por não moderar conteúdo que incita à violência e à rebelião armada.

O mundo ocidental será diferente a partir daqui, mas seria importante que continuasse a ser, sobretudo, um mundo de leis, de liberdades, de direitos e também de obrigações radicalmente melhores do que os cenários assustadores visionados por George Orwell. É necessário que os parlamentos democráticos saibam legislar nesse sentido.

Ao mesmo tempo que a pandemia resulta em desemprego e queda da actividade económica, a cotação das criptomoedas está em trajetória parabólica, com uma bitcoin a transaccionar-se na sexta-feira a cerca de 39 mil dólares, constituindo a maior bolha especulativa de sempre. O preço das acções da Tesla aumentou mais de 700% em 2020, tornando Elon Musk o homem mais rico do planeta, com uma fortuna avaliada em 209 mil milhões de dólares. A capitalização bolsista das maiores empresas tecnológicas americanas (as designadas FANG+) continua a subir imparavelmente. O índice das maiores empresas americanas, o S&P500, atinge novos recordes, mais de 60% acima do mínimo (relativo) atingido em Março de 2020.

Esta exuberância especulativa, que já Keynes criticava aos norte-americanos e que entretanto se globalizou, tem alguns, muito poucos, efeitos positivos. Os “espíritos animais” estão confiantes quanto ao futuro da humanidade nestes tempos de pandemia, encorajando o investimento privado.

Mas esta é uma história que vai acabar mal para muitos e seria bom que as autoridades procurassem identificar instrumentos para, com pinças, evitar que esta bolha cresça ainda mais e expluda nas mãos do mundo.

**Professor de Economia do ISEG.
Escreve à segunda-feira**

Bitcoin, a mãe de todas as bolhas?



Fonte: Bank of America, via Neil Smith.

FOR IGO